

HABITANDO ENTRE O CÉU E A TERRA: EM TORNO À SIMPLICIDADE DO HABITAR

Marilene Aduque - UFRN

RESUMO: Heidegger indica que a habitação autêntica se dá quando ocorre o resguardo da quadratura. O filósofo explicita que a quadratura é constituída por quatro elementos, a saber: terra, céu, divinos e mortais. Assim sendo, de início, convém atentar àquilo que o autor assevera, ou seja, que habitamos entre o céu e a terra e por isso, quando falamos que a habitação ocorre sobre a terra já dizemos que a habitação do homem (o mortal) é estabelecida também sob o céu. Habitando sobre essa terra e sob o céu o homem relaciona-se com os outros mortais e acolhe o divino. Desta forma, a habitação humana ocorre em torno à simplicidade. Assim sendo, o objetivo deste trabalho é dialogar com a Filosofia e a Arquitetura de modo a abrir caminho para a aproximação de uma resposta quanto à inquietação acerca do modo simples de habitar.

Palavras-chave: Heidegger; Habitar; Simplicidade.

DWELLING ON THE EARTH AND UNDER THE SKY: ABOUT THE SIMPLICITY OF DWELLING

ABSTRACT: Heidegger denote that the dwelling to take when the human being salvaguardate the fourfold. The philosopher explains that fourfold is constituted of four elementos, to know: the earth, the sky, the divinities and the mortals. Therefore, from start, it is Worth considering what the author asserts, that is, that we dwell between the Sky and the earth and because, when we say that the dwelling occurs on the earth, we already say that dwelling of the human being (the mortal) is also established under the sky. Dwelling on this earth and under the sky, the human being relates to the other mortais and welcomes the divinities. In this way, the dwelling occurs around the simplicity. Therefore, the Aim of this paper is to dialogue with philosophy and architecture in order to pave the way for the approach of an answer regarding the concern about the simple way of dwelling.

Key words: Heidegger; Dwelling; Simplicity.

INTRODUÇÃO

Para a tessitura do presente trabalho foi tomado como principal referência o ensaio de Martin Heidegger, intitulado **Construir, Habitar, Pensar (*Bauen, Wohnen, Denken*)**. A referida conferência foi pronunciada em 05 de agosto de 1951, quando teve lugar o evento ***Darmstädter Gesprächs II (Diálogos de Darmstadt)*** com o tema O Homem e o Espaço. Ao pronunciá-la, Heidegger surpreendeu a todos os presentes, uma vez que no contexto de uma Europa pós-guerra, o filósofo apontou tratar-se da crise habitacional propriamente dita não a carência de edificações destinadas à habitação, mas algo que se pronunciava de modo silencioso, por assim dizer. Esse modo de pronunciar-se silenciosamente concedia à verdadeira crise habitacional, progressivamente mais força, decerto que à medida que permanecia não ouvida, despercebida, tornava-se algo ainda mais avassalador.

1 O QUE SIGNIFICA HABITAR?

Entrementes, o fato de Heidegger afirmar que a crise habitacional não está relacionada à falta de habitações, isso não quer dizer que Heidegger desprezasse ou desconsiderasse o empenho dos arquitetos e dos engenheiros em prol da reconstrução de seu país e da outorga de moradia ao seu povo. Ao contrário. O filósofo, ainda que não tivesse por objetivo tecer considerações acerca de métodos construtivos ou propor medidas para a reorganização do espaço urbano, Heidegger não se negou a observar os resultados obtidos por tais empreendimentos, ao comentar:

Considerando-se a atual crise habitacional, possuir uma habitação é, sem dúvida, tranquilizador e satisfatório; prédios habitacionais oferecem residência. As habitações são hoje bem divididas, fáceis de administrar, economicamente acessíveis, bem arejadas, iluminadas e ensolaradas. (HEIDEGGER, 2012, p. 125-126).

Contudo, o filósofo lança a pergunta capaz, não somente de provocar estranheza, senão também de convocar à reflexão em torno ao habitar os seus leitores hodiernos. Cito: “Mas será que as habitações trazem nelas mesmas a garantia de que aí acontece um *habitar*? ” (HEIDEGGER, 2012, p. 126). Na questão lançada pelo filósofo já se encontra um indício do que, para ele, constitui a verdadeira crise habitacional. Por quê? Nesse momento, deixemos que a linguagem venha a nosso

encontro e, recorrendo-se a ela, seja possível dar o primeiro passo no caminho que nos conduzirá à elaboração ou ao alcance da resposta. Entretanto, antes de trazer aqui a explicitação trazida por Heidegger, no tocante ao habitar, valendo-se da análise feita a partir da antiga língua alemã, apresenta-se como conveniente uma discussão acerca do termo “habitar”, partindo de seu significado em língua portuguesa. Ora, como é de amplo conhecimento, o termo “habitar” significa “morar” ou “residir”. Nessa direção, “residir” indica o estabelecimento de uma residência, de moradia, o assentamento em um sítio, local. Todavia, o que, no mais das vezes passa despercebido é o fato de habitar estar relacionado ao termo “hábito”. O termo “hábito” quer dizer “costume”. Ter um hábito quer dizer então, ter um costume. O costume trata-se de uma prática. E, por sua vez, dizer que alguém tem um determinado costume acena para o fato de alguém estar habituado a algo. Portanto, habitar e estar habituado são aparentados. Estar habituado, estar acostumado acena para uma proximidade, uma familiaridade, uma intimidade com algo, com uma prática, um lugar ou a adoção de determinado comportamento. Estar habituado; habituar-se; habitar, tais termos, cada um a seu modo, mas com semelhanças entre si, denotam um modo de permanecer, de ficar, de estar, de ser, de continuar, de persistir. Assim sendo, se digo que alguém está habituado a algo, na verdade, digo que alguém age assim; permanece assim; que alguém “é” de tal modo. Isto posto, estar habituado é: ser de tal modo. E, por conseguinte, habitar é ser de tal modo; permanecer desta forma em determinado lugar.

Esta relação não se encontra, hodiernamente, inserida nos pensamentos considerados da ordem do dia, decerto que o habitar é algo tão irrevogavelmente inerente ao homem, que nele não mais se pensa. Ao menos não de acordo com sua relevância, com a sua envergadura, com a sua magnitude.

Heidegger, em contrapartida, ultrapassa as expectativas em torno à sua conferência no referido evento, ao convocar os seus ouvintes para uma reflexão a esse respeito. O que é, para Heidegger, habitar? E como ele recorreu à linguagem para explicar o significado de “habitar”? E porque as habitações recém-construídas, apesar de toda a sua praticidade e conforto oferecidos ao morador, não indicam um habitar? Heidegger afirma que as construções, mesmo aquelas que não constituem uma habitação são tomadas pelo âmbito da utilidade de destinarem-se à habitação humana. Todavia, se entendidas somente sob tal aspecto, será dado ao habitar

apenas a concepção de ter a finalidade imposta ao construir. (HEIDEGGER, 2012, p. 126). Nessa direção, diz Heidegger:

As relações essenciais não se deixam, contudo, representar adequadamente através do esquema meio-fim. Construir não é, em sentido próprio, apenas meio para uma habitação. Construir já é em si mesmo habitar. Quem nos diz isso? Quem nos confere de fato uma medida para dimensionarmos o vigor essencial do que seja habitar e construir? O acesso à essência de uma coisa nos advém da linguagem. (HEIDEGGER, 2012, p. 126).

Como Heidegger demonstra, é, portanto, a linguagem que nos abre a via de acesso para a essência de todas as coisas. Sendo assim, a linguagem também nos mostra o que é o habitar essencial e a essência do habitar e do construir, ressaltando além disso, a relação de copertinência entre o construir e o habitar. Porém, adverte Heidegger, que é preciso ouvir a linguagem e não, tentar assenhorear-se dela.

Heidegger pergunta pelo construir. E ao perguntar à linguagem pelo construir, o filósofo chega ao habitar:

O que diz então o construir: A palavra do antigo alto-alemão usada para dizer construir "*buan*", significa habitar. Diz: permanecer, morar. O significado próprio do verbo *bauen* (construir), a saber, perdeu-se. Um vestígio encontra-se resguardado ainda na palavra "*Nachbar*", vizinho. O *Nachbar* (vizinho) é o "*Nachgebur*", o "*Nachgebur*", aquele que habita a proximidade. Os verbos *huri*, *büren*, *beuren*, *beuron* significam todos eles o habitar, as estâncias e circunstâncias do habitar. Sem dúvida, a antiga palavra *buan* não diz apenas que construir é propriamente habitar, mas também nos acerca como devemos pensar o habitar que aí se nomeia. (HEIDEGGER, 2012, p. 126).

Heidegger diz adiante:

Construir significa originariamente habitar. Quando a palavra *bauen*, construir, ainda fala de maneira originária diz, ao mesmo tempo, *que amplitude* alcança o vigor essencial do habitar. *Bauen*, *buan*, *bhu*, *beo* é, na verdade, a mesma palavra alemã "*bin*", eu sou nas conjugações *ich bin*, *du bist*, eu sou, tu és, nas formas imperativas *bis*, *sei*, *sê*, sede. O que diz então: eu sou? A antiga palavra *bauen* (construir) a que pertence "*bin*" "sou", responde: "*ich bin*", "*du bist*" (eu sou, tu és) significa: eu habito, tu habitas. A maneira como tu és e eu sou, o modo segundo o qual *somos* homens sobre esta terra é o *Buan*, o habitar. Ser home diz: ser como um mortal sobre essa terra. Diz: habitar. (HEIDEGGER, 2012, p. 127).

Para Heidegger, o homem tem como essencial o habitar. Ademais, a habitação autêntica do ser-homem precisa do resguardo da quadratura para ter lugar. A Quadratura (*die Geviert*) tem por constituição os quatro elementos que compõem o mundo, a saber: a terra, o céu, os divinos e os mortais. Em outras palavras, habitamos sobre esta terra e ao mesmo tempo, sob o céu, somos mortais junto a outros mortais, com os quais nos relacionamos sob o modo da preocupação, como afirma Heidegger

em **Ser e Tempo**, ao nos mostrar que o ser-aí se relaciona com os demais seres-aí através do modo da preocupação. E temos como medida os divinos.

2 HABITANDO SOBRE ESTA TERRA E SOB O CÉU

A Quadratura é a reunião dos quatro elementos citados. Tal reunião aparece na coisa e no seu emergir, no coisear da coisa, o mundo ganha concretude. O filósofo define a Quadratura: “chamamos de quadratura a essa simplicidade. Em habitando, os mortais são na quadratura. ” (Heidegger, 2012, p. 130). Em **A Coisa**, Heidegger traz o exemplo da jarra, explicitando de qual modo ela reúne em si os quatro elementos. Lemos: “Coisificando, a coisa deixa perdurar a união dos quatro, terra e céu, mortais e imortais na simplicidade da quadratura, que unifica por si mesmo. ” (Heidegger, 2012, p. 129).

Mas o que Heidegger diz acerca desses quatro elementos? O filósofo explica que a terra “é o sustento de todo gesto de dedicação. A terra dá frutos ao florescer. A terra encontra-se vasta nas pedras e nas águas, irrompe concentrada na flora e na fauna. ” (Heidegger, 2012, p. 129). A terra é, portanto, o solo onde o homem instaura seu mundo. A terra permite a habitação, a permanência do homem e dá origem a todos os entes, sustenta o mundo e acompanha a história humana.

O céu, diz Heidegger “é o percurso em abóbodas do sol, o curso em transformações da lua, o brilho peregrino das estrelas, as estações dos anos e suas viradas, luz e crepúsculo do dia, escuridão e claridade da noite, a suavidade e o rigor dos climas, rasgo de nuvens e profundidade azul do éter. ” (Heidegger, 2012, p. 129). Logo, ao mencionar-se o céu não se traz a fala apenas o azul infinito o qual costumamos olhar, seja com a intenção de “prever” a ocorrência de chuvas, para alcançar a inspiração poética ou simplesmente com indiferença. O céu não significa o local de trânsito das aeronaves e nem o objeto que possibilita os estudos dos astrônomos. O céu é algo para além disso. O céu participa e contribui para a permanência humana em um sítio e para a sua trajetória.

Acerca dos divinos, Heidegger afirma que “os deuses são os mensageiros que acenam a divindade. Do domínio do sagrado destes manifesta-se o deus em sua atualidade ou se retrai em sua dissimulação. ” (Heidegger, 2012, p. 130).

Já os mortais somos nós, os homens, unicamente aqueles que são capazes de habitar, como também de morrer e que devem resguardar a terra, acolher o céu, esperar os divinos e iniciar os mortais. Cito:

Os mortais são os homens. Chamam-se mortais porque podem morrer. Morrer diz: ser capaz da morte *como* morte. Somente o homem morre e, na verdade, somente ele morre continuamente, ao menos enquanto permanecer sobre a terra, sob o céu, diante dos deuses. (HEIDEGGER, 2012, p. 130).

A habitação ocorre, portanto, sobre a terra e sob o céu, ao aguardo dos deuses, pelos mortais. Ao habitar, o mortal deve salvaguardar a quadratura. O filósofo afirma:

Salvando a terra, acolhendo o céu, aguardando os deuses, conduzindo os mortais, é assim que acontece propriamente um habitar. Acontece enquanto um resguardo de quatro faces da quadratura. Resguardar diz: abrigar a quadratura em seu vigor de essência. O que se toma para abrigar deve permanecer velado. (HEIDEGGER, 2012, p. 130).

As obras arquitetônicas trazem em si os relatos da trajetória humana, não somente no decorrer da vida de um indivíduo, senão também da trajetória de um povo. E, além disso, uma obra de arquitetura proporciona a demonstração das diversas visões de mundo de seu morador, do arquiteto, de uma sociedade, bem como as visões de mundo comuns a uma época. Uma edificação dá a ver o mundo. Ela é o próprio mundo construído. Neste sentido, o quadrúplo ou quadratura, bem como a forma pela qual o homem compreende e acolhe a quadratura mostram-se nela. Heidegger, em **Construir, Habitar, Pensar**, não determina, tampouco intenta sugerir quais os modos adequados de se construir e de habitar o mundo. Mas os exemplos citados por ele, a saber, a ponte, a cabana indica modos de como alguém construiu um dia, como também como seus construtores e habitantes habitaram e se devotaram a salvar a quadratura. A cabana, por exemplo, constitui um modo simples de habitar. Isso não quer dizer que “simplicidade” esteja sendo relacionada a uma edificação simples, desprovida de ornamentos. Absolutamente não. A cabana camponesa dá o seu testemunho de como o seu construtor foi capaz de concebê-la orientando-se de modo a pôr em relevo a terra, o céu, os divinos e os mortais. Trata-se, portanto, de uma construção belíssima e que dá a ver essa simplicidade. Lemos:

Pensem em uma cabana camponesa típica da floresta negra que um habitar camponês ainda sabia construir há duzentos anos atrás. O que edificou essa casa foi a *insistência da capacidade de deixar terra e céu*,

divinos e mortais serem, com simplicidade, nas coisas. Essa capacidade situou a casa camponesa na encosta da montanha, protegida contra os ventos e contra o sol do meio-dia, entre as esteiras dos prados, na proximidade da fonte. Essa capacidade concedeu-lhe o telhado de madeira, o amplo vão, a inclinação íngreme das asas do telhado a fim de suportar o peso da neve e de proteger suficientemente os cômodos contra as longas tormentas das noites de inverno. Essa capacidade não esqueceu o oratório atrás da mesa comensal. Deu espaço aos lugares sagrados que são o berço da criança e a “árvore dos mortos”, expressão usada ali para designar o caixão do morto. Deu espaço aos vários quartos, prefigurando assim, sob um mesmo teto, as várias idades de uma vida, no curso do tempo. Quem construiu a cabana camponesa foi *um trabalho de mãos surgido ele mesmo de um habitar* que ainda faz uso de suas ferramentas e instrumentos como coisas. (HEIDEGGER, 2012, p. 139).

A construção acima descrita expõe a simplicidade da habitação. A edificação evidencia o comprometimento humano com o resguardo da quadratura, com a habitação. Quem a construiu habita originariamente sobre esta terra e sob o céu, inicia e conduz os mortais da vida para uma boa morte, tem como medida os divinos. No resguardo da quadratura, o homem habita de modo a proteger-se no velamento da terra e levar-se em direção à amplitude do céu. Sob essa perspectiva, Beaini em **A arte como cultivo do inaparente**, escreve: “O estar-aí habita a Terra – que lhe serve de solo e que concomitantemente se vela-, elevando-se ao céu – enquanto o que se abre -, participando do enigma do divino, dos deuses e do Sagrado no âmbito do desvelado.” (BEAINI, 1986, p. 130).

3 A CONSTRUÇÃO DE UM LUGAR PARA O SAGRADO

Fazendo nesse momento do trabalho, um “recorte” para analisar a habitação em torno de um único elemento da quadratura, ou seja, os divinos, pensemos então na construção de templos. A construção de templos põe em evidência a simplicidade de uma habitação, desde que na sua instauração seja contemplado o resguardo da quadratura. Um templo, independente da divindade a quem ele é dedicado e a ser cultuada, independente do culto celebrado ali, trata-se de um lugar construído com o intento de servir como habitação para o divino. E a construção de um lugar dedicado à habitação de uma divindade pode ser entendido como o modo de se situar do homem perante os divinos. Logo, isso significa a demonstração da relação que o mortal estabelece com os divinos que advém. A construção de um templo reúne os mortais na espera ou na presença das divindades, sob o céu e sobre a terra. Por conseguinte, a construção de templos tem implícita na sua concepção a necessidade

de se evidenciar esse vínculo. É, portanto, uma forma de habitar sob a simplicidade, junto ao divino. Habitar sob a simplicidade, junto ao divino sinaliza, por assim dizer, uma forma de cuidado, zelo, um comprometimento com o que há de divino e que participa da tessitura de mundo. E isso decorre do pensar do simples. Ter o simples como experiência conduz à experiência do sagrado. Segundo Beaini: “Do pensar do simples, pode abrir-se a dimensão do sagrado. A partir do sagrado, a dimensão da divindade, e só após Deus.” (BEAINI, 1986, p. 24).

Heidegger assevera em **Construir, Habitar, Pensar** que é a habitação o que origina a construção e não, o inverso. Nesse sentido, a forma de habitar do homem tendo como referencial o acolhimento do divino vai conceder a feitura de uma obra destinada à habitação divina e que traz em si a mostraçãõ do vínculo sagrado entre homem e Deus. Por exemplo, a construção de igrejas góticas na Idade Média.

A arte, na perspectiva da arquitetura, não somente dá o testemunho do combate entre mundo e terra, do velamento e do desvelamento, senão também que alcança o domínio do sagrado. Beaini escreve que a arte: “é originariamente o lugar de combate entre velamento e des-velamento, a criação que origina e mantém os deuses, o divino, o Sagrado, as coisas e o estar-aí.” (Beaini, 1986, p. 134).

REFERÊNCIAS

BEAINI, Thais Curi. **A arte como cultivo do inaparente**. São Paulo: Nova Stella, 1986.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Parte I. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante Schuback, 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Ensaio e Conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. (Coleção Pensamento Humano).